

No "Raio X", os males da saúde em Brasília

Os seis hospitais da rede oficial, o Hospital-Escola da Universidade de Brasília, em Sobradinho, e mais as casas de saúde particulares, não são suficientes para atender a demanda de doentes do Distrito Federal e das cidades vizinhas. O Primeiro Hospital Distrital é o mais bem equipado da Região Centro-Oeste e, segundo o Secretário de Saúde, Newton Muylaert de Azevedo, "por isto ele paga um grande tributo".

— Em relação aos grandes centros urbanos, Brasília está em segundo lugar, depois de São Paulo, em matéria de saúde — disse o Secretário Newton Muylaert. "A rede hospitalar do Distrito Federal tem condições de atender uma epidemia que por acaso venha a assolar Brasília, mas não é justo manter um hospital-isolamento à espera dessa ou daquela epidemia".

Nos seis hospitais existentes no Distrito Federal, estão instalados cerca de 1.800 leitos — número irrisório para sua população de aproximadamente 800 mil habitantes. Por isso o quadro que o 1o. HDB, principal hospital de Brasília nos mostra é bastante católico.

Quem vai ao ambulatório do 1o. HDB lê nos vidros "Otorrino, consultas só serão marcadas no dia 28", "Dermatologista — esgotado até o final do mês", "Ginecologista — horário de consulta de 8 às 12 horas e de 13 às 13 30min mas só há vagas para o próximo mês". As filas nesses horários de consultas não intermináveis e não existem perspectivas de elas acabarem.

CLÍNICAS ESPECIALIZADAS

Segundo o Secretário de Saúde, o 1o. HDB tem todas as suas clínicas especializadas bem equipadas. Algumas estão necessitando de novos aparelhos, "providência" que já foi tomada.

— Objetivamos grande êxito no controle da epidemia de meningite — continuou o Secretário Newton Muylaert — não houve contaminação nos hospitais e o isolamento de Taguatinga funcionou satisfatoriamente. "Claro que houve modificações. Os doentes internados no nono andar do 1o. HDB foram transferidos. O Pronto-Socorro infantil foi transformado em isolamento e tudo correu bem".

Quanto à demora no atendimento médico no 1o. HDB diz o Secretário que ocorre em virtude do grande fluxo de pessoas que o procuram: "É um tributo que paga por ser o único que possui todas as clínicas especializadas.

— Não acredito que alguém durma à noite na calçada do 1o. HDB, para conseguir uma consulta na manhã seguinte — disse o Secretário. Mas são inúmeras as vezes que se ouve alguém falar que dormiu na calçada ou que o parente dormiu, é um fato tão comum que não merece registro da Imprensa local.

DOENÇAS MAIS COMUNS

Segundo as estatísticas da Secretaria de Saúde e aprovadas pelo seu Secretário, a doença mais comum em Brasília é a desidratação. O tratamento não é dos mais difíceis e contra ela depende muito da pessoa. A desidratação ocorre durante todo o ano e no período da seca aumento em cerca de 90%, tendo em vista a baixa umidade relativa do ar.

No período da seca, emissoras de rádio locais costumam fazer campanhas de utilidade pública, na tentativa de orientar o povo: "beba bastante líquido. Faça seus filhos usarem roupas leves. Dê muitos banhos em seu filho. Evite a desidratação".

CARÊNCIA DE MÉDICO

— Há carência de médicos e enfermeiras em Brasília — disse o Secretário de Saúde entretanto, — concursos para preenchimento das vagas na Fundação Hospitalar são frequentes e o número de candidatos é sempre muito pequeno.

"Recentemente foram abertas inscrições para concurso visando preenchimento de vagas na especialidade de broncoencefalologia e não aparece um candidato sequer", frisou o Secretário Newton Muylaert. Mas não há carência apenas de médicos e enfermeiras. O problema é geral. Constantemente há concursos para todo tipo de funcionários e nunca as vagas estão preenchidas em sua totalidade.

SONEGAÇÃO

Sonegação de atendimento médico parece não haver na rede hospitalar do



As filas são imensas nos guichês onde são marcadas as consultas em qualquer especialidade médica



A espera no Pronto Socorro é a principal reclamação dos usuários do 1o. HDB.

DF. Apenas existe uma pequena pressão no que diz respeito ao atendimento do paciente que não porta quaisquer documentos. O Secretário Newton Muylaert justifica: "Muitos pais abandonam os filhos doentes nos hospitais. Se essa criança que não tem documento, chegar a morrer, não pode sequer ser sepultada. Por isto, pressionamos um pouco os pais inescrupulosos, para que eles pelo menos, providenciem a certidão de nascimento do filho.

O Secretário ao ser interrogado sobre a possibilidade de sonegação de atendimento médico, face a inexistência de documentos, fez questão de frisar "qualquer pessoa, em caso de urgência que procurar o Pronto-Socorro é atendida, mas os casos de ambulatório é adiado para quando a pessoa puder apresentar a documentação. Os chamados indigentes são encaminhados ao serviço social".

ESTATÍSTICA

A rede hospitalar do Distrito Federal teve uma média de 1.488.019 de atendimentos médicos em 1974. Desse número foram registrados 2.544 óbitos, sem contar os de meningite que quase atingiu a faixa de 600.

Casos de Pronto-Socorro nos hospitais do Plano Piloto foram registrados mais de 262.070 e nas cidades-satélites uma média de 424.462. O número de casos de ambulatório, foi bem menor — 373.901 no Plano Piloto e 424.585 nas cidades da periferia do centro da cidade.

Em 1974 ficou constatado através das estatísticas remetidas dos hospitais à Secretaria de Saúde que morre mais gente no centro da cidade que em todas as cidades-satélites juntas. 1.612 morreram no Plano Piloto em 1974 e 932 nas cidades-satélites.

Estas estatísticas nos mostra a preferência que o brasileiro tem pelo 1o. HDB, onde apesar das reclamações é considerado o mais importante, por

ter todas as clínicas especializadas e um laboratório de análises e pesquisas clínicas bem equipado, além de um corpo de analistas mais experiente, em virtude da variedade de doenças examinadas e pesquisadas.

PRONTO-SOCORRO

A sala do Pronto-Socorro do 1o. HDB é relativamente pequena para o número de pessoas que a frequentam diariamente. Os bancos são insuficientes para acomodar todos os doentes enquanto os funcionários preenchem suas fichas.

Esse período de preencher a ficha até o doente ser chamado, é angustiante, pois ele fica se contorcendo de dor, sentado nos bancos duros e há até quem fique sentado no chão, face a carência de assentos.

Após o grito do porteiro "fulano de tal!", o doente chamado entra para falar com o médico. Dentro do Pronto-Socorro propriamente dito, o médico demora mais ou menos meia hora para atendê-lo.

Por essas alturas, se o caso não era muito grave e a dor passageira, quando o médico atende o doente que já está melhor, diz para o doutor com cara de encubulado: "A dor já passou".

Muitas pessoas chegam a desistir de falar com o médico pois se a dor já passou, o caso é de ambulatório e pode esperar.

Os casos de urgência entram direto no Pronto-Socorro, mesmo sem preencher a ficha — medida imprescindível a ser tomada para o atendimento médico. Mas lá dentro, nas "barbas de médicos e enfermeiras" os doentes passam mais alguns minutos para serem atendidos.

ASPECTO

A sala de espera do Pronto-Socorro do 1o. HDB é mais ou menos isso: Poucos bancos, muitos doentes, principalmente mulheres e crianças.

Muitas mulheres são clientes assíduas do Pronto-Socorro, especialmente as residentes nas cidades-satélites e de baixo poder aquisitivo.

As crianças têm aspecto feio. Embora bonitas como são todas as crianças, os pequenos doentes que se encontram na Sala do Pronto-Socorro são feios pálidos, muito magros ou barrigudos como que retratando a quantidade de doenças existentes em seus pequeninos corpos.

Sentadas nos colos das mães igualmente de aspecto de quem não tem saúde, as crianças ficam horas a fio à espera de atendimento médico. As mães já sabedoras da morosidade do atendimento, acorrem ao Pronto-Socorro abastecidas — mamadeira feita, frutas e alguns biscoitos, para consolar seus pequenos doentes, enquanto esperam a hora tão esperada de falar com o Doutor.

Muita gente também vai ao Pronto-Socorro só acompanhar os familiares, às vezes sem necessidade. Outras vão apenas visitar um parente doente e aproveitam a ocasião para visitar o Pronto-Socorro que, com tanta frequência procuram contribuindo, assim, para um tumulto maior.

Se o doente tem um parente que trabalha no hospital, as coisas mudam de figura. Não vai à procura do atendimento comum, e sim do amigo. Este o encaminha diretamente ao médico e, enquanto isso a ficha que demora algumas horas para ser preenchida para um doente qualquer, é rapidamente desembaraçada. Esse processo, que normalmente demora em média duas ou três horas para o doente comum, transcorre no máximo em meia hora.

AMBULATÓRIO

O 1o. HDB tem vários tipos de atendimento médico. Os principais são os casos de Pronto-Socorro ou de urgência e os de ambulatório. No ambulatório, como no Pronto-Socorro, se não fosse o aspecto doentio das pessoas, o ambiente pareceria com um arraial ou festa popular, pela quantidade de pessoas andando de um lado para outro e outras sentadas ou mesmo deitadas, entreavadas em camas perdidas ao longo do corredor. Às vezes, as mães ficam segurando o litro de soro que o filho está tomando passando horas com o braço para cima. As consultas têm horário para ser marcadas.

Para marcar uma consulta com o ginecologista, por exemplo, a pessoa deverá chegar ao local pelos menos por volta das 6h30min, pois são marcadas no horário de 7 às dez horas e por ordem de chegada. Assim, quem chegar às oito horas, terá que voltar no dia seguinte, pois os números já se esgotaram.

— As consultas são marcadas com 15 dias de antecedência. A fila de mulheres, especialmente gestantes, por volta de 7 horas no ambulatório, dá enormes voltas, mas muitas já se habituaram.

No dia 15 passado já não havia mais vaga para consulta no mês de janeiro. As pessoas que acorreram ao guichê de Ginecologia no dia 15 terão que retornar no dia 28 para marcar uma possível consulta para o mês de fevereiro.

Para Oftalmologia só se marca consulta nos dias 17 de cada mês. Assim, nesse dia as filas são intermináveis e, se alguém não é atendido "espera só mais um mês", para marcar a consulta, que, certamente, será para daí a uns 15 ou 20 dias.

Se o paciente tem algum amigo de gabarito no Hospital, é atendido até no mesmo dia, sem enfrentar filas.

No dia 15 do corrente chega "uma repórter no ambulatório por volta das 15 horas e 30 minutos, para marcar uma consulta com o Dermatologista. Chegando ao guichê a repórter disse que queria marcar uma consulta, mas o funcionário respondeu que já está encerrado o expediente.

A suposta paciente pergunta qual o horário de marcação de consulta e o funcionário respondeu em tom áspero: — das 7 às 17 horas, com interrupção de uma hora, mas só tem vaga para o final de fevereiro.

— Você terá que voltar lá para o início do mês que vem, para marcar sua consulta — disse o funcionário. Só há dois Dermatologistas e assim mesmo já estão com os horários esgotados para todo este mês, desde o dia dez passado.

Inconformada, a repórter acorre a um amigo que trabalha no laboratório. Falando com o amigo que gostaria de consultar-se com um Dermatologista, sem pressa, pois o problema não era muito sério. O laboratorista encaminha a repórter para uma saleta e fala com o amigo médico:

"Doutor essa minha amiga precisa consultar com um Dermatologista. O caso dela não é muito sério, mas se o senhor pudesse quebrar o galho".

Mal o laboratorista termina de falar, o médico bate no seu ombro e diz "ah! pois não, ela poderá vir amanhã e será muito bem atendida.

Assim, quem tem um amigo para quebrar o galho no 1o. HDB, consultar é a coisa mais fácil, mas quem não tem espera algumas horas numa longa e sinuosa fila, marca uma consulta para 15 dias depois, no mínimo, e, finalmente, se entrevista com o médico.

É um processo realmente custoso, mas os pacientes do 1o. HDB já estão "quase acostumados".

Há inclusive a piada de que "doentes do 1o. HDB são pacientes e das clínicas particulares são clientes.

Alguns doentes, residentes nas cidades-satélites, dormem na calçada do 1o. HDB, para conseguir marcar uma consulta na manhã do dia seguinte. Com a condução escassa que tem as cidades da periferia do Plano Piloto, se os pacientes não dormirem ao relento do hospital, jamais marcarão sua consulta.

Esses casos são comuns para quem será submetido a uma cirurgia.

Em basos de doação de sangue, quando o próprio doente arruma pessoa para doar sangue têm que acompanhar seus doadores ao banco de sangue de manhã cedo, por volta das 6 horas da manhã.

FEIRA "UM MAL NECESSÁRIO"

A feira instalada na frente do 1o. HDB, recentemente combatida pela Secretaria de Saúde e patrulhas da polícia, está voltando a se instalar no mesmo local. Mas para os pacientes daquele hospital "é um mal necessário e muito útil". Os que passam quase o dia todo esperando para entrevistar-se com um médico ou marcar uma consulta, não dispõem de tempo nem dinheiro para procurar um restaurante, resta portanto, comprar um churrasquinho, laranja, manga ou um sanduíche.

Por enquanto só tem uma banca de laranjas e alguns carrinhos de refrigerantes e sanduíche. Afirmam os clientes que esses pequenos ambulantes são de grande utilidade e temem sua retirada novamente.



Combatidos por muitos, os feirantes são a salvação para os que deixam o hospital